

Levantamento Socioespacial: a autoprodução do espaço na Ocupação Esperança

Eduardo Ramalho Moutinho Bittencourt¹

Sílvia do Rosário Delgado dos Reis²

Viviane Zerlotini da Silva³

RESUMO

O Escritório de Integração (EI) acompanha a Região da Izidora por meio de ações de assessoria técnica aos moradores, desde 2014. O local é uma ocupação urbana da Região Metropolitana de Belo Horizonte, onde está situada a Ocupação Esperança. Este trabalho tem o objetivo de relatar a metodologia do Levantamento Socioespacial (LSE) nesse território, aplicado por meio de passeios acompanhados e entrevistas em narrativas. Esse levantamento é parte integrante do projeto de extensão Prosa⁴ e tem como pontos de partida os valores da autoprodução e a formação socioambientalmente responsável de produtores do espaço. Acredita-se que, de posse de informações técnicas, os moradores possam contestar a urbanização formal e assim restituir ao grupo o controle sobre os processos produtivos do próprio espaço. Pretende-se dar continuidade a essa atividade em 2019, para que possa ser elaborado um novo plano de urbanização na comunidade, baseado nos princípios e nas práticas já configurados no território.

Palavras-chave: Autoprodução do Espaço. Ocupação Urbana. Urbanização. LSE.

Socio-space study: the self-production of space in Ocupação Esperança

ABSTRACT

The Escritório de Integração (Integration Office) accompanies the Izidora region through technical assistance actions to the residents, since 2014. The site is an urban occupation of the metropolitan region of Belo Horizonte, where is located the informal settlement, the Esperança occupation. This article aims to report the Social-space Study (LSE)

¹ Professor assistente II do Departamento de Arquitetura e Urbanismo da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas), mestre em Arquitetura e Urbanismo, coordenador de Extensão do curso de Arquitetura e Urbanismo do Coração Eucarístico e coordenador do Escritório de Integração (E.I.) e colaborador do projeto Prosa. E-mail: eduardomrbittencourt@gmail.com.

² Graduanda em Arquitetura e Urbanismo pela PUC Minas / Coração Eucarístico. Extensionista do projeto “Prosa: Escola de Formação de Autoprodutores em Processos Socioambientais”. E-mail: silvyreis10@gmail.com.

³ Professora adjunta do Departamento de Arquitetura e Urbanismo da PUC Minas, doutora em Arquitetura e Urbanismo pela UFMG / NPGAU, mestre em Engenharia de Produção da Escola de Engenharia da UFMG. Coordenadora do E. I. e coordenadora do projeto Prosa. E-mail: zerlotini@oi.com.br.

⁴ O PROSA é um projeto de extensão do curso de Arquitetura e Urbanismo da PUC Minas, em desenvolvimento desde 2017, e visa trabalhar junto aos autoprodutores do espaço da Região Metropolitana de Belo Horizonte. Mobilizando os princípios do Projeto Político Pedagógico do curso de graduação, busca promover um espaço para ensino e aprendizado que proporcione a circularidade de saberes entre o autoprodutor e alunos e professores, os técnicos. O planejamento das ações diretas é colaborativo, de modo que os autoprodutores possam atuar nos processos de decisão sobre o território, a partir do seu conhecimento, da sua experiência e das suas práticas. A expectativa é que outras tecnologias de construção e de urbanização, tidas como alternativas ou marginais, possam reverter processos da urbanização extensiva e predatória, tornando-se promissoras tanto a autoprodutores quanto a estudantes, professores, técnicos, operários e outros praticantes da Arquitetura e Urbanismo.

methodology in this territory, applied through accompanied tours and interviews in narratives. This survey is an integral part of the Prosa undergraduate extension project and has as starting points the values of self-production and the socio-environmentally responsible training of producers of the space. It is believed that, in possession of technical information, residents can question the formal urbanization and thus restore to the group control over the productive processes of the space itself. We intend to continue this activity in 2019, in order to elaborate a new urbanization plan in the community based on the principles and practices already set up in the territory.

Keywords: Self-production of Space. Urban Occupation. Urbanization. LSE.

1 INTRODUÇÃO

A autoprodução refere-se à ação direta dos moradores em seu próprio espaço, resistindo, pela ação, à exclusão territorial. Autoprodutores são moradores e trabalhadores nas ocupações, nas favelas, em bairros, nos quilombos, em lavouras, cujo conhecimento técnico é construído e transmitido na prática. Assim, o Levantamento Socioespacial (LSE) surgiu como proposta de metodologia de levantamento que registra o trabalho coletivo dos autoprodutores do espaço, na tentativa de superar as limitações culturais e simbólicas dos métodos de diagnóstico convencionais em Arquitetura e Urbanismo, que adotam categorias de análise da produção do espaço distantes das práticas cotidianas dos autoprodutores. O LSE adota a entrevista em narrativa realizada em quatro etapas: iniciação, narração, interrogatório e “bate-papo” (SILVA; ROCHA, 2018).

O LSE foi aplicado em duas etapas ao longo dos anos letivos de 2017 e 2018, na região do Esperança, no entanto essa técnica se mostra presente em outras ações do Escritório de Integração desenvolvidas em diferentes regiões, como Mariana, Raposos e Santa Tereza, pois trata-se de uma metodologia colaborativa, que procura englobar o modo como os moradores produziram espaço no desenho do levantamento. Essa abordagem já vinha sendo aplicada nas ocupações urbanas da Izidora, pois o EI⁵ tem acompanhado o processo de luta pela moradia dos seus ocupantes desde 2014.

O intuito do LSE é a utilização de narrativas dos próprios moradores como mecanismo para identificação dos princípios da autoprodução, visando, assim, compreender a configuração do território na escala física e política. Em um primeiro momento, no contexto de um período intenso de conflito fundiário nas ocupações urbanas, surgiu a necessidade de um levantamento quantitativo, já que com iniciativas do poder público em efetuar o cadastro das famílias residentes na Ocupação Izidora para fins de remoção, o número de moradores influenciava diretamente como argumento pela sua permanência nas mesas de negociação. A mudança dessa prioridade ocorreu quando o atual

⁵ O Escritório de Integração (EI) é o núcleo de extensão e pesquisa do curso de Arquitetura e Urbanismo da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, em Belo Horizonte. E-mail: integra@pucminas.br.

prefeito de Belo Horizonte anunciou a desistência de duas ações na justiça de reintegração de posse da área, informando que buscaria recursos para regularizar e urbanizar as ocupações. Os moradores entenderam que a permanência estaria garantida e que “o asfalto iria chegar”. Dessa forma, a expectativa da urbanização acabou distanciando os moradores da mobilização coletiva no dia a dia.

Em meio ao contexto de desmobilização, o Escritório de Integração percebeu uma oportunidade de produzir um levantamento qualitativo, em um processo de negociação entre técnicos, lideranças e moradores, visto que: os assessores técnicos tinham como objetivo defender a perspectiva da autoprodução do espaço como modo legítimo de apropriação e direito à terra; as lideranças focavam o interesse em manter a mobilização dos moradores em defesa de uma urbanização sustentável; os moradores aguardavam finalmente a segurança da posse da terra juntamente à regularização.

A primeira oportunidade na Ocupação Esperança de acompanhar e sistematizar o modo de autoprodução do espaço ocorreu a partir da demanda pela construção de uma igreja. Como um reflexo da desmobilização, já citada, pelas lideranças, essa tentativa não obteve sucesso devido à falta de engajamento dos moradores. Apesar dos contrapontos, foi iniciado o diálogo com uma das lideranças, criando-se a oportunidade de se explicar o processo para a autoprodução dos espaços de uso coletivo. Nesse momento, a equipe de assessores e extensionistas perceberam, na fala saudosista da coordenadora, uma angústia quanto à dificuldade de mobilização e à possibilidade de desenvolver uma atividade para revigorar a percepção dos moradores sobre a importância da mobilização. Diante disso, surgiu a iniciativa de um mural de fotos no Centro Comunitário, com uma linha do tempo da Ocupação Esperança.

Na percepção das lideranças, a ideia inicial não havia dado certo, já que os moradores não se engajaram em contribuir com a linha do tempo e ainda retiraram as fotos que lhes interessavam do mural para levar pra casa. Essa atitude dos moradores revelou a permanência de um valor coletivo da luta pela organização e pela produção cotidiana do espaço, presente nas fotos que registravam o processo da autoprodução. Assim, a estratégia foi adaptada às novas demandas, norteadas pela necessidade de uma assessoria técnica individual, por meio de um Levantamento Socioespacial (LSE) que resultasse, como produto, numa prancha técnica nos moldes da Prefeitura de Belo Horizonte. Esse formato teve a intenção de que o produto servisse de ferramenta para o questionamento à avaliação das moradias para fins de remoção pelo poder público. Com a mediação das lideranças, foi decidido um dia com os moradores para o levantamento arquitetônico das casas, com base na ideia de elaborar uma planta técnica.

O LSE constitui-se em um método para compreender e legitimar a autoprodução do espaço a partir da perspectiva da auto-organização, da vivência e dos saberes dos moradores, buscando romper com a lógica da cidade formal, em que há uma idealização sobre o saber técnico prevalecente de forma heterônoma sobre o saber popular. Busca ainda inovar, repensando o papel de arquitetos e urbanistas na assessoria técnica, visando valorizar a apropriação do espaço mediante a requalificação das demandas dos próprios moradores e a compreensão destes como os principais atores na produção da organização, do planejamento e da construção do espaço.

2 DESENVOLVIMENTO

2.1 LSE: compreensão do modo de autoprodução do espaço

O LSE foi desenvolvido no segundo semestre de 2017, com foco nos moradores mais antigos da Ocupação Esperança, objetivando compreender, por meio do levantamento da moradia e da própria história dos entrevistados, como a comunidade foi produzida. Essa ação fazia parte das atividades do projeto de extensão intitulado “Assessoria Técnica a Ocupações Urbanas: processos autônomos de urbanização”, coordenado pela professora Viviane Zerlotini. As entrevistas em narrativa foram realizadas na residência dos moradores, juntamente ao levantamento da edificação ao longo da conversa. O intuito desse levantamento era entender como ocorria a apropriação desse espaço, da comunidade como um todo, mas também da própria casa.

Os extensionistas do projeto foram agrupados em equipes, sendo cada uma direcionada para abordar uma família. Cada membro possuía uma tarefa específica, assim, enquanto um aluno ficava responsável por entrevistar, os demais membros efetuavam o registro fotográfico, as anotações do diálogo e a medição seguida da elaboração do croqui. O produto final foi uma prancha no formato A2 estendido, que foi devolvida às famílias, relatando sua história de luta por meio da construção da habitação e da ocupação. O desafio maior foi elaborar um material que permitisse a identificação e a apropriação pelas famílias, que teriam nele um produto técnico de utilidade para fins legais. Para tal, no desenho da casa foram evidenciadas as atividades realizadas em cada cômodo por meio de verbos de ação, como comer, dormir, armazenar, namorar, cozinhar, entre outros.

Para além da planta da casa e dos aspectos históricos da família, foram concebidos quadros-síntese, diagramas e uma linha do tempo. Os quadros visavam enfatizar o valor da luta e, neles, os próprios moradores deveriam inserir dados relativos ao investimento efetuado para a construção da sua residência. A linha do tempo apresentava dados históricos importantes da família e da comunidade, relatando fatos importantes desde o início da Ocupação Esperança. Já o diagrama

sintetizava a evolução da edificação e as forças produtivas empregadas durante o processo. Deixou-se evidente que a autoprodução é um processo contínuo, que ocorre de acordo com a necessidade dos residentes, diferentemente da construção convencional.

Figura 1 - Prancha do levantamento socioespacial.



Fonte: Escritório de Integração, 2017.

A devolução do produto final foi um momento importante no processo de levantamento, pois revelou diferentes formas de apropriação das informações sobre a autoprodução. Em alguns casos, a família se mostrou satisfeita e envolvida com o resultado do trabalho e, em outros, no entanto, não demonstrou interesse ou disponibilidade no conteúdo da prancha, mas recebeu o documento pelo seu valor técnico para utilização em situação futura (remoção, indenização etc.).

2.2 LSE: autoprodução da mesoestrutura⁶

O LSE surgiu como projeto, a partir da demanda do Escritório de Integração de sintetizar e melhor compreender a vasta extensão de informações sobre a Ocupação Esperança, acumuladas em práticas de extensão realizadas em disciplinas de graduação (Planejamento Ambiental Urbano e Projeto Executivo Urbano em áreas informais), bem como dos levantamentos sobre a organização da mesoestrutura no território, a partir de microbacia hidrográfica, onde foram desenvolvidas intervenções colaborativas para o enfrentamento de problemas nas ruas, decorrentes das águas pluviais e do esgoto.

⁶ O engenheiro geólogo Edézio Teixeira de Carvalho (2001) define a mesoestrutura como o conjunto de condições necessário para o funcionamento da superestrutura (estruturas antrópicas), que são as redes de abastecimento de água e energia, soluções de esgotamento sanitário, entre outras. A superestrutura contém as estruturas finalísticas para a vida humana, como as edificações, e essas duas camadas se relacionam com uma terceira, a infraestrutura, a plataforma geológica, que fornece condições de suporte à cidade.

Aplicado durante o ano letivo de 2018, em dois momentos, durante o primeiro semestre, o levantamento foi realizado em parceria com a disciplina de graduação do 9º período do curso de Arquitetura e Urbanismo, Projeto Executivo Urbano, ministrada pelo professor Eduardo Bittencourt. As atividades foram realizadas pelos alunos da disciplina com o apoio do E.I, por meio das extensionistas Fernanda Maciel e Sílvia Reis, e da bolsista de iniciação científica Probic⁷, do projeto “Espaço Ocupado: possibilidades de urbanização em assentamentos informais a partir da morfologia urbana já constituída”, Caroline Rocha.

Visando a identificar os valores da autoprodução, os alunos e as extensionistas do E.I efetuaram entrevistas em narrativas com moradores mais antigos em cada uma das seis quadras da Ocupação Esperança, abordando questões específicas quanto à infra e à mesoestrutura urbana. Adotou-se a seguinte questão mobilizadora: *o que os moradores esperam da urbanização?* Ela se fez relevante após a assinatura do decreto municipal nº 16.888, em 12 de abril de 2018, que previa a regularização fundiária e o acesso à urbanização de ocupações urbanas em Belo Horizonte como Áreas de Especial Interesse Social (AEIS).

Essas atividades foram desenvolvidas em conjunto com o projeto de extensão e contou-se com o apoio essencial do E.I, complementando as atividades e os produtos que se fazem necessários no trabalho de extensão e de assessoria, pois o envolvimento da disciplina em demandas reais precisa ser relativizado devido a limitações, como período da disciplina, tempo de trabalho por semana, diversidade no perfil e comprometimento dos alunos (BITTENCOURT, 2019). Após fazer um apanhado de experiências, a metodologia que se mostrou mais viável foi a de coletar as narrativas dos próprios moradores para a identificação dos valores da autoprodução do bairro.

Foram efetuadas duas visitas a campo para a realização dos levantamentos, nos dias 10 e 12 de abril de 2018, no período da noite, com alunos da disciplina e extensionistas do E.I, que conversaram com os moradores antigos indicados pelas lideranças da ocupação. Os alunos foram preparados para a aplicação do LSE por meio de uma apresentação pelos extensionistas em sala de aula, quando foi explicada a metodologia proposta e um modelo físico das pranchas desenvolvidas no semestre anterior. Nesse momento, foi realizado um treinamento com os próprios alunos, com o objetivo de levantar discretamente a sua trajetória de vida por meio da pergunta-chave: "qual a história da sua casa?" (Um dos alunos foi abordado com essa questão). Esse artifício se mostrou eficaz, pois os alunos puderam perceber que, pela resposta do entrevistado, várias outras questões foram elucidadas por ele, sem mesmo a necessidade de se formularem mais perguntas.

⁷ Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica e Tecnológica - projeto de pesquisa e iniciação científica destinado a alunos de graduação com recursos da FAPEMIG (Fundação de Amparo à Pesquisa de Minas Gerais).

A turma foi dividida em equipes, cada uma responsável por determinada quadra da Ocupação Esperança. Optou-se, nessa conversa inicial, por privilegiar os moradores mais antigos, que participaram da ocupação do terreno desde o início e teriam muito a revelar sobre a conformação da morfologia do território. Alguns dos abordados foram Arlindo e Seu Zezinho, moradores da comunidade desde o seu início, em 2013. No total, foram elaboradas oito entrevistas, ocorridas nas casas de Arlindo, Paulo César, Maria José, Gizela, Maria Marta, Seu Roque, Seu Zezinho e Rose.

Uma única visita se mostrou insuficiente para a coleta das informações pretendidas, logo, foi necessário retornar à casa dos moradores abordados na visita anterior para o fechamento. Rose, uma das coordenadoras da ocupação, foi entrevistada nesse segundo dia de oficina. Uma foto aérea da região disponibilizada pelo Escritório de Integração mostrou-se como ferramenta muito útil para a conversa, pois despertou a curiosidade do morador e a euforia em localizar a sua casa.

Esse momento de aplicação do LSE mostrou como o método de entrevista em narrativa (figura 1) é um importante recurso de pesquisa, tendo como fundamento o diálogo entre os envolvidos, incentivando a conversa por meio de uma pergunta-chave e complementando com perguntas imanentes. E retomando, somente ao final da entrevista, os pontos específicos do que se deseja saber, evitando interromper a fala. Com a expressão “me conta a história da sua casa” ou “me conta como construíram o bairro”, dá-se início a um discurso que impulsiona de forma direta outros temas, como a implantação da casa no lote, a captação de água e energia, o tratamento e a destinação de água, o tratamento e a destinação de resíduos, a mobilidade durante o dia e à noite / durante a semana e no fim de semana, a comunicação.

Figura 2 - Roteiro de aplicação da entrevista em narrativa

<p>Conhecer o modo de autoprodução da mesoestrutura em Esperança</p> <p>TÉCNICAS: Entrevista em narrativa + passeio acompanhado. Atenção ao diálogo: é importante <i>haver</i> uma pessoa que não conhece falar de sua história...</p> <p>(Estabelecer uma relação de confiança com o morador demonstrando interesse pela sua história)</p> <p>RESPONSÁVEIS: morador (expert da vida) + moradores do EI + alunos monitor do EI: pessoa (que) já conhece o morador! alunos: registram a fala do morador, fotografam o espaço</p> <p>DIVISÃO DO TERRITÓRIO: Semeador unidade de coordenação política: quadras - cada grupo de trabalho da turma irá desenvolver o LSE e o Anteprojeto por quadra.</p> <p>QUANDO? Assembleia na Ocupação Esperança - dia 03/04. Elaboração do LSE sobre a produção da mesoestrutura - visitas à campo nos dias 10/04 e 12/04, à noite durante o horário de aula.</p> <p>PRODUTO: Relatório com fotos (análise das entrevistas)</p>	<p>ENTREVISTA EM NARRATIVA + PASSEIO ACOMPANHADO ATENÇÃO: Avaliar a conveniência (se o morador está à vontade) para gravar a entrevista e fotografar os espaços e outras coisas. Pedir autorização ao morador.</p> <p>PERGUNTA CHAVE - (exatamente): Me conta a história de como vocês construíram o bairro?</p> <p>Perguntas complementares (imanentes) - como os moradores lidam com: - a implantação da casa no lote? - a captação de água e energia? - o tratamento e a destinação de água? - o tratamento e a destinação de resíduos? - a mobilidade durante o dia e a noite (durante a semana e ao fim de semana)? - a comunicação?</p> <p>Ao final da entrevista: A partir do vocabulário do informante, retomar a fala dele e pedir para especificar as perguntas imanentes.</p> <p>Fechamento: qual a expectativa a partir da chegada do Kalil e da chegada da urbanização?</p> <p>Dar início ao diálogo durante o passeio, possibilitando assim a visualização de determinados aspectos que podem surgir durante a conversa. Utilizando o segundo dia de visita para retomar no diálogo pontos que ficaram em falta. Toda vez que o informante qualifica algo, repetir o adjetivo para incentivá-lo a evidenciar os valores por detrás da qualificação. Registrar os apontamentos dos moradores.</p>
--	--

Fonte: Escritório de Integração (2018).

Na sua maioria, os moradores afirmaram ter ido para a ocupação para “sair do aluguel”. Contaram que conseguiram acesso a infraestruturas urbanas básicas, como água e energia, por meio da interceptação das ligações do bairro vizinho, Londrina, visto que a área ocupada até então era inabitada, não possuindo, portanto, esses serviços. Outra necessidade básica para a moradia é o esgoto, que recebeu como resposta inicial o uso de fossas sépticas. Em seguida, algumas moradias aderiram a soluções ecológicas como o TEVAP⁸ e o Círculo de Bananeiras⁹, dispositivos desenvolvidos colaborativamente a partir das atividades de extensão do E.I em 2016 e 2017.

Resultaram, como produto final, relatórios elaborados por cada equipe (alunos e extensionistas) e uma tabela de síntese estruturada em tópicos que apresentam os principais temas levantados durante as entrevistas, como transporte, acesso à água, energia e esgoto. Com base nesses temas, foi separada a fala de cada morador relativa a determinado assunto, o que resultou num quadro de síntese com as informações mais importantes referentes a cada tema. Por fim, foi elaborado um quadro final abordando os mesmos tópicos de modo geral, identificando os pontos em comum encontrados durante a narrativa dos moradores, o que resultou numa visão mais qualitativa dos dados levantados durante as oficinas.

Ao final das atividades, concluiu-se que, apesar das informações relevantes sobre a urbanização autoproduzida, a metodologia não foi aplicada em seu todo, uma vez que a escuta promovida pelos alunos acabou sendo conduzida por perguntas em forma de questionário. A necessidade dos alunos em obter informações para o apoio aos projetos que estavam sendo elaborados para a comunidade pela disciplina acabou por desviar a estratégia de utilização das perguntas iminentes, previstas para enaltecer o que se deseja saber durante a conversa, e não necessariamente aplicadas como questões.

2.2.1 LSE na escala da quadra – visitas a campo

Diante das limitações das escutas realizadas no LSE pelos alunos da disciplina e da manutenção da demanda dos moradores, pretendeu-se no segundo semestre dar continuidade às discussões sobre os critérios de urbanização e as limitações para a consolidação do bairro frente às suas expectativas e aos desejos dos moradores, considerando os critérios formais de urbanização estabelecidos pelo poder público. Esse debate teve o LSE como principal ferramenta e ocorreu em

⁸ TEVAP: Tanque de Evapotranspiração - Sistema de tratamento e reaproveitamento dos nutrientes do efluente do vaso sanitário.

⁹ Círculo de Bananeiras é uma tecnologia que consiste numa bacia escavada, suportada por plantações de bananas. É utilizada como filtro para destinação das águas cinzas provenientes da cozinha, lavagem de roupa e banho.

conjunto com a elaboração do Trabalho Final de Graduação do estudante Daniel Taranto¹⁰. O trabalho se propunha à realização de uma pesquisa-ação que promovesse ações no contexto de extensão e assessoria técnica da Ocupação Esperança, para observação de questões reunidas pela equipe do E.I ao longo dos trabalhos na comunidade, desde 2016. São elas: qual a linguagem adequada e como alcançar uma linguagem que aproxime a fala do técnico à fala do cotidiano do morador? Como revelar o conflito de classes presente entre os envolvidos no trabalho de assessoria (pesquisador, assessor, morador, ativista de movimentos sociais)? Como analisar o discurso do morador? O LSE pode ser aplicado em outras áreas? Como observar a autoprodução a partir da prática? É possível a assessoria técnica sem levantamento e vice-versa?

Para responder a essas questões, concluiu-se que a melhor estratégia seria o acompanhamento direto das ações das lideranças das ocupações urbanas da Região da Izidora e dos movimentos sociais após a promessa de urbanização. Desse modo, a equipe formada pelos professores orientadores do E.I, Tiago Castelo Branco e Eduardo Bittencourt, e pelos alunos extensionistas Nathália Mendes, Sílvia Reis, Tainara de Oliveira Amaral, Izabella Xavier de Sá e Caroline Rocha participou das reuniões entre as coordenações da Izidora (Ocupações Esperança, Helena Greco, Rosa Leão e Vitória) e seus apoiadores (Comissão Pastoral da Terra, Brigadas Populares, Coletivo Margarida Alves, Movimento de Luta nos Bairros, Vilas e Favelas), motivados especialmente pela preocupação generalizada quanto ao risco de “despejo parcelado” ou “despejo branco”, ressaltando a necessidade de esclarecimentos sobre como aconteceria a urbanização.

Essas reuniões ocorreram semanalmente e nelas foram discutidas as estratégias a serem utilizadas diante das ações do Estado. Os representantes das ocupações discutiram junto aos parceiros sobre o melhor método de ação para aplicar na sua região e, em seguida, deram o retorno das assembleias realizadas nas comunidades. Outro tema debatido nesse e em outros encontros foi a atuação da Urbel no território. Os moradores contam que a instituição não costuma informá-los sobre a finalidade de suas visitas e nem dão retorno adequado.

Foi estipulada, durante as reuniões, a necessidade de uma oficina de formação para lideranças e apoiadores, com a finalidade de debater os desafios da urbanização das comunidades com base em temas jurídicos e técnicos. Esse encontro ocorreu durante os dias 22 e 23 de setembro, tendo o E.I participado no dia 22. Com o auxílio de materiais produzidos pela equipe, como mapas, fotos aéreas e maquetes, o professor Tiago Castelo Branco compartilhou conhecimentos sobre tecnologias sociais e planejamento ambiental urbano para, com os moradores, conversar sobre o território. O grupo foi separado em quatro equipes correspondentes às quatro comunidades da

¹⁰ O Trabalho Final de Graduação foi defendido e aprovado em dezembro de 2018 sob o título “A Urbanização da Ocupação Esperança: assessoria técnica no conflito fundiário” e sob a orientação do professor Eduardo Bittencourt.

região, para a realização de uma oficina de registro dos problemas, desejos e potencialidades do território. A dinâmica ocorreu com o auxílio de fotos aéreas de cada região, nas quais os moradores registraram seus desejos e críticas de determinada área.

Figura 3 - Oficina de registro com os moradores



Fonte: Escritório de Integração, 2018.

Por meio da pesquisa de TFG do aluno Daniel Taranto, foram realizadas atividades de levantamento nas quadras da Ocupação Esperança, ocorridas nos dias 15 de setembro e 3 de novembro. Buscou-se a retomada do LSE da mesoestrutura, promovida inicialmente pelos alunos da graduação e atualizada a partir da estratégia de levantamento, coletivamente com os moradores em cada quadra da comunidade. Essa estratégia buscava pela primeira vez a realização de um levantamento coletivo, com grupos menores, mas com identidade comum (vizinhos de quadra) e com maior conhecimento sobre as informações que seriam levantadas sobre a sua rua, a sua quadra etc.

O trabalho ocorreu em três estágios, havendo uma primeira etapa de reuniões com a coordenação da ocupação para apresentação desse procedimento baseado em encontros com os experts da autoprodução. Depois, houve momentos de escuta sobre a relação com a Prefeitura e demais órgãos públicos, finalizando com a qualificação dos temas a serem abordados. Numa segunda etapa, foram realizados encontros com os moradores (figura 2), para discussão sobre os impactos da urbanização formal, por meio do esclarecimento dos desafios desse processo, sendo utilizados os materiais técnicos já desenvolvidos para incentivar a conversa e permitir ao morador se identificar e se apropriar daquele material. Na terceira e última etapa, foram feitos os encontros no território. A assessoria técnica efetuou a mediação desses debates sobre a urbanização formal, analisando seus critérios e limitações, a fim de elaborar estratégias que possibilitassem a adoção de uma urbanização não excludente.

No mês de outubro, não ocorreu atividade em campo, pois algumas visitas foram desmarcadas pela própria liderança devido à grande movimentação do período de eleição presidencial, quando a comunidade estava se reunindo para realizar manifestações. A visita do dia 15 aconteceu com moradores da quadra 6 e moradores de outras quadras que se mostraram interessados. O encontro estava inicialmente marcado para ocorrer nas ruas da quadra 6, porém, havia previsão de chuva. Essa etapa contou novamente com a participação direta dos extensionistas do E.I, que acompanharam as atividades e produziram mapas e fotos aéreas para apoio aos levantamentos, material que gerou grande interação com os moradores. Nesses encontros, foram mobilizadas informações (consideradas questões iminentes do LSE em curso) retiradas dos estudos técnicos sobre os desafios para urbanização da área, as quais se pretendia compartilhar com os moradores e levantar sua opinião sobre elas.

Durante a atividade, foi apresentado também o “mapa vermelho”, estudo que identificava em vermelho todas as áreas da comunidade que não poderiam ser regularizadas segundo a legislação vigente (proteção ambiental, faixas de servidão, declividade do terreno, alta densidade construtiva etc.). Os moradores relataram seu receio sobre um despejo parcelado, caso a urbanização ocorresse a partir desses parâmetros técnicos. Apresentaram ainda os pontos considerados por eles como adversidade, como a voçoroca, a questão das áreas de preservação e os lotes ou casas vazias. Foi discutida a necessidade de pesquisa e utilização de outras formas de urbanização (alternativas ao padrão tecnológico do poder público), que assim poderiam garantir a permanência do morador em determinado ambiente considerado “de risco”.

A visita do dia 3 de novembro aconteceu no campo de futebol da quadra 6. Mais uma vez, foram utilizadas fotos aéreas, o que desencadeou um momento dinâmico no início da conversa, ao despertar a curiosidade dos moradores em localizar suas casas. Utilizavam como ponto de referência para essa identificação aspectos como a cor do telhado, a esquina da rua, a casa do vizinho ou até mesmo a localização de um carro conhecido. Foi apresentada também uma planta da quadra, com curvas de nível e arruamento, o que também auxiliou os moradores a localizarem suas casas, pois identificavam o nome da rua na planta e verificavam a localização na foto aérea.

A conversa em campo aconteceu com a discussão entre os moradores sobre as ruas estreitas e as dificuldades de implantação da rede de esgoto. A planta desencadeou essa discussão sobre as ruas em relação à largura das vias, reprovada anteriormente por técnico do poder público que as considerou menor do que a Prefeitura exige para implantação dos sistemas de saneamento e pavimentação. Apresentaram como solução definir as ruas menores como mão única e interligá-las com uma via de mão dupla que funcionaria como via principal, além de definir algumas ruas como “sem saída”. A rede de esgoto surgiu como ponto crítico devido à localização da quadra, pois esta

se encontra abaixo do nível da “rua do asfalto”, como os próprios moradores denominam, a Rua Líbia, no bairro Baronesa. Outra área comentada durante o encontro foi a “rua da cratera”, como é chamada pelos próprios moradores, devido à grande erosão (voçoroca). A atividade foi finalizada com uma caminhada pelas ruas, focando naquelas mais estreitas, no caso as ruas Montes Claros e Floresta.

3 CONCLUSÃO

O LSE foi uma importante ferramenta para identificação dos valores da autoprodução e definição dos pontos de maior atenção, considerando o que foi apresentado pelos próprios moradores, como desejos e problemas, possibilitando assim a discussão sobre o conceito da mesoestrutura existente, a partir da análise dos princípios que constituem a autoprodução para antecipar a urbanização formal. A utilização de ferramentas como mapas e fotos aéreas se mostrou importante incentivador para a aplicação do método de escuta, além das caminhadas com os moradores, que possibilitaram a melhor observação do espaço. Esses materiais foram produzidos e revisados com base em dados disponibilizados por imagens de satélite, em conjunto às informações fornecidas pelos moradores.

Foi possível perceber grandes expectativas da comunidade para com a urbanização, principalmente durante a primeira fase de aplicação do LSE, em 2017, que coincidiu com o período de promessa da urbanização pelo poder público. Acreditava-se na melhoria imediata da região, desconhecendo-se os impactos que tal intervenção poderia causar. A expectativa dos moradores era a de que a consolidação da ocupação - enquanto um bairro - traria a garantia do direito à moradia, como, por exemplo, a comprovação do endereço por meio do acesso à água e à rede elétrica (segundo os moradores, ter o nome numa conta de água ou de luz significa a legitimação daquele lugar enquanto seu). No entanto, por meio do LSE, a equipe do E.I e os moradores identificaram algumas questões relacionadas à urbanização formal que foram postas em discussão, como por exemplo, a identificação de ações antrópicas no território e como essas ações modificam o espaço estrutural.

Mais recentemente, as lideranças reforçaram a grande dificuldade em manter a mobilização coletiva entre os moradores para manutenção dos princípios da autoprodução vivenciados ao longo da ocupação, percebendo o grande aumento das construções nos lotes, a pressão pela ocupação de áreas mantidas vazias pela sua fragilidade ambiental e a ocorrência de um mercado informal de

terras e de moradias, o que promove o adensamento da comunidade e o aumento dos conflitos cotidianos entre vizinhanças hoje estranhas que não possuem mais uma identidade enquanto comunidade.

A disciplina de graduação avançou na sistematização dos estudos técnicos sobre a urbanização da área e do entorno, que possibilitarão a elaboração de um plano urbanístico que será devolvido às lideranças. Essas informações serão utilizadas por elas para o resgate da mobilização, a partir da divulgação de dados sobre as áreas que não permanecerão, caso a ocupação não construa uma posição em defesa de sua permanência.

O Escritório de Integração está elaborando um material base, com fotos e situações críticas, para ser difundido nos grupos de mensagem digital dos moradores (Whats App), estratégia sugerida pela própria liderança.

REFERÊNCIAS

- BITTENCOURT, Eduardo Moutinho Ramalho. Agir na urgência, decidir na incerteza: desafios na integração entre o ensino e a extensão em disciplina a partir da assessoria técnica direta. *In*: BARROS, Ev'Ângela Batista Rodrigues de; ALBUQUERQUE, Lucimar Magalhães de; RESENDE, Márcia Colamarco Ferreira (orgs.) **Ressignificando a relação teoria e prática: reflexões sobre as práticas curriculares de extensão da PUC Minas**. Belo Horizonte: PUC-MG, 2019. E-book (320 p.: il.). Disponível em: http://portal.pucminas.br/imagedb/documento/DOC_DSC_NOME_ARQUI20190603173459.pdf. Acesso em: 16 jun.2019.
- CARVALHO, Edézio Teixeira. **Geologia urbana para todos: uma visão de Belo Horizonte**. Belo Horizonte: [s. n.], 2001.
- SILVA, Viviane Zerlotini da; ROCHA, Caroline Cristiane; BITTENCOURT, Eduardo Moutinho Ramalho; LEAL, Luiz Felipe Velloso; BENFICA, Mariana Laureano; LOURENÇO, Tiago Castelo Branco. Assessoria Técnica a Ocupações Urbanas: processos autônomos de urbanização. **Conecte-se! Revista Interdisciplinar de Extensão**. Belo Horizonte, v. 2, n. 3, 2018 Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/conecte-se/article/view/17660>. Acesso em 14 mar. 2019.
- SILVA, Viviane Zerlotini da; ROCHA, Caroline Cristiane. **Levantamento socioespacial: para compreender a autoprodução do espaço**. Salvador: V Enanparq, 2018.